

III.

**AS CONSEQUÊNCIAS  
DA SOBREPDUÇÃO**

Um poeta grego do tempo de Cícero, Antípatro, celebrava assim a invenção do moinho de água (destinado à moagem de grãos), uma descoberta que iria emancipar as mulheres escravas e trazer de novo a Idade de Ouro: «Poupei o braço que faz girar a mó, ó moleiras, e dormi em paz! Que o galo vos avise em vão que já é dia! Deméter impôs às ninfas esse trabalho dos escravos, e ei-las que saltitam alegremente sobre a roda, e que o eixo rola com os seus raios, fazendo rodar a pesada pedra giratória. Vivamos a vida dos nossos primeiros pais e, ociosos, regozijemo-nos com os dons que a deusa concede.»

Infelizmente, os lazeres que o poeta pagão anunciava acabaram por não chegar; a paixão cega, perversa e homicida pelo trabalho transforma a máquina libertadora em instrumento de

escravidão dos homens livres: a sua produtividade empobrece-os.

Com um fuso, uma boa operária não faz mais que cinco malhas por minuto; alguns teares circulares de tricotar conseguem produzir trinta mil no mesmo período de tempo. Cada minuto da máquina equivale assim a cem horas de trabalho da operária; ou, então, cada minuto de trabalho da máquina proporciona à operária dez dias de repouso. O que é válido para a indústria de tricotar é-o também, em maior ou menor grau, para todas as indústrias renovadas pela mecânica moderna. E, no entanto, a que é que assistimos? À medida que a máquina se aperfeiçoa e substitui o trabalho do homem com uma velocidade e uma precisão que não param de crescer, o operário, em vez de prolongar proporcionalmente o repouso, redobra de intensidade, como se quisesse rivalizar com a máquina. Que concorrência absurda e mortífera!

---